

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UMA QUADRA POPULAR PORTUGUESA NA LITERATURA ESTRANGEIRA.

BASTO, Cláudio

Ano: 1939 | Número: 49

Como citar este documento:

BASTO, Cláudio, Uma Quadra Popular Portuguesa na literatura estrangeira. *Revista de Guimarães*, 49 (3-4) Jul.-Dez. 1939, p. 178-185.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Uma quadra popular portuguesa na Literatura estrangeira

Na *Revue Thérapeutique des Alcaloïdes*, de Paris, publicou o Dr. Benassis um ensaio de clínica romântica acêrca de *Madame de Staël ou La Gynandre*. Em o n.º 7 dessa revista ⁽¹⁾, vem o capítulo VI do referido estudo, com o título *Corinne et le Sexe Faible* («en face de Mme de Staël — explica o Dr. Benassis — le sexe faible, c'est le sexe masculin») ⁽²⁾, e aí se lêem as seguintes linhas ⁽³⁾:

«C'est peut-être en pensant à lui [Comte de Guibert] qu'elle [Mme de Staël] composa ses premiers vers, qui ne valent pas cher en général, mais parmi lesquels on en rencontre quelques-uns d'honorables :

Tu m'appelles ta vie : appelle-moi ton âme.
Je veux un mot de toi qui dure plus d'un jour.
La vie est éphémère, un souffle éteint sa flamme ;
Mais l'âme est immortelle aussi bien que l'amour !

«Un peu plus, — ajunta o Dr. Benassis — on croirait de Musset :

...Ta mémoire, ton nom, ta gloire vont périr,
Mais non pas ton amour, si ton amour t'est chère :
Ton âme est immortelle, et va s'en souvenir.»

Estes versos — como o próprio Dr. Benassis aponta — são da «Lettre à Lamartine», publicada

(1) 4.ª Série, 47.ª Année, n.º 7 (Juillet-Août 1939), pp. 199-211.

(2) *Loco cit.*, p. 199.

(3) pp. 199-200.

no livro de Alfredo de Musset *Poésies nouvelles* — 1836-1852. (1). A «Lettre à Lamartine» tem a data «Fevereiro de 1836».

Desta poesia de Musset, porém, não há só que salientar os versos recortados pelo Dr. Benassis. No lance, merecem reparo as últimas cinco estrofes, que formam um todo, e às quais se ligam directamente os quatro versos que as antecedem :

.....
 Mais ce que j'ai senti, ce que je veux t'écrire,
 C'est ce que m'ont appris les anges de douleur ;
 Je le sais mieux encore et puis mieux te le dire,
 Car leur glaive, en entrant, l'a gravé dans mon cœur :

Créature d'un jour qui t'agites une heure,
 De quoi viens-tu te plaindre et qui te fait gémir ?
 Ton âme t'inquiète, et tu crois qu'elle pleure :
 Ton âme est immortelle, et tes pleurs vont tarir.

Tu te sens le cœur pris d'un caprice de femme,
 Et tu dis qu'il se brise à force de souffrir.
 Tu demandes à Dieu de soulager ton âme :
 Ton âme est immortelle et ton cœur va guérir.

Le regret d'un instant te trouble et te dévore ;
 Tu dis que le passé te voile l'avenir.
 Ne te plains pas d'hier ; laisse venir l'aurore :
 Ton âme est immortelle, et le temps va s'enfuir.

Ton corps est abattu du mal de ta pensée ;
 Tu sens ton front peser et tes genoux fléchir.
 Tombe, agenouille-toi, créature insensée :
 Ton âme est immortelle et la mort va venir.

Tes os dans le cercueil vont tomber en poussière,
 Ta mémoire, ton nom, ta gloire vont périr,
 Mais non pas ton amour, si ton amour t'est chère :
 Ton âme est immortelle, et va s'en souvenir. (2)

(1) pp. 79-88, na ed. «Les Meilleurs Auteurs Classiques», Paris s. d., Flammarion.

(2) Éd. cit., pp. 87-88.

Estes versos, como foi já dito, são de 1836, — e a S.^{ra} de Staël faleceu em 1817. Musset podia inspirar-se nos citados versos daquela escritora, — dos quais não posso agora verificar a data da publicação. No entanto, Musset sabia muito bem que a feliz ideia, ressaltada nos versos da S.^{ra} de Staël e tocada na «Lettre à Lamartine», é de uma quadra do povo português. Éle mesmo o declara no correr da sua comédia *Fantasio*, num passo que, já em 1921, arqueei na revista *Lusa*, de Viana-do-Castelo (1), e a que voltei a referir-me nas *Flores de Portugal — Coleção de cem das mais lindas cantigas do Povo Português* (2):

«FANTASIO, *chantant*.

Tu m'appelles ta vie, appelle-moi ton âme,
Car l'âme est immortelle et la vie est un jour.

«Connais-tu une plus divine romance que celle-là, Spark? C'est une romance portugaise. Elle ne m'est jamais venue à l'esprit sans me donner envie d'aimer quelqu'un» (3).

E, agora, em paralelo com esta tradução francesa da «divine romance portugaise», é que se devem pôr os versos da S.^{ra} de Staël:

Tu m'appelles ta vie : appelle-moi ton âme.
Je veux un mot de toi qui dure plus d'un jour.
La vie est éphémère, un souffle éteint sa flamme ;
Mais *l'âme est immortelle* aussi bien que l'amour !

A S.^{ra} de Staël e Musset foram, ao que parece, beber à mesma fonte.

(1) Vol. IV (1921-1924), p. 16. Fasc. de Janeiro-Dezembro de 1921.

(2) Porto 1926. p. 40, nota. Separata da *Lusa*, vol. IV, cit. em a nota antecedente.

(3) Alfredo de Musset, *Carmosine — Fantasio*, Paris s. d. (ed. Nilsson), p. 183, ou *Comédies et Proverbes*, t. 1, Paris s. d. (ed. «Les Meilleurs Auteurs Classiques», Flammarion), p. 259.

Como? Nenhum dos dois conheceu, directamente, a quadra popular portuguesa.

Ambos a conheceram — creio não errar — por intermédio de Lorde Byron.

Lorde Byron esteve em Portugal no mês de Julho de 1809.

Em Portugal, não digo que êle *ouvisse* a quadra, *entendendo-a*, pois não conhecia a nossa língua, mas chamaram-lhe a atenção para a sua beleza, *traduzindo-lha*.

Lorde Byron aproveitou, depois, a cantiga, como se vê em *Occasional pieces*, onde se encontram as poesias seguintes :

FROM THE PORTUGUESE.

«TU MI CHAMAS.»

In moments to delight devoted,
 «My life!» with tenderest tone, you cry;
 Dear words! on which my heart had doted,
 If youth could neither fade nor die.

To death even hours like these must roll,
 Ah! then repeat those accents never;
 Or change «my life!» into «my soul!»
 Which, like my love, exists for ever.

ANOTHER VERSION.

You call me still your *life*. — Oh! change the word —
 Life is as transient as the inconstant sigh:
 Say rather I'm your soul; more just that name,
 For, like the soul, my love can never die. (1)

«Quem lhe revelaria essa quadra popular, que synthetisa um povo apaixonado?» — pergunta o Dr. Teófilo

(1) *Occasional Pieces*, in *The Works of Lord Byron*, Lipsia (Bernhard Tauchnitz) 1842, vol. IV, pp. 33-162 (*Collection of British Authors*). As poesias transcritas vêm, respectivamente, a pp. 95 e 96 do referido volume, com as de 1811-1813.

Braga (1). E logo responde: «Naturalmente ouviu-a cantar a algum fadista, e sendo-lhe traduzida, tocou-o a ideia poética a que depois deu fôrma artística» (2). Para escrever isto, fincou-se Teófilo Braga em Alberto Teles, que afirmou ser «a formosíssima quadra... do folk-lore da Mouraria» (3) e que «foi de certo pessoa de muito bom gosto que chamou a atenção de lord Byron para essa quadra trespassada de luz siderea. Seria uma mulher? Talvez; porque Byron preferia, com rasão, á insípida convivência dos homens a sempre ineffavel e doce companhia das mulheres» (4).

Alberto Teles assegura, aqui, pertencer a cantiga ao «folclore da Mouraria» (Lisboa), isto é: a um *fado*, assim se corrigindo a si próprio, pois declarara, no livro *Lord Byron em Portugal*, que a linda quadra se cantava nos Açôres, especialmente na ilha do Pico, no baile denominado *das Vacas* (5).

Teófilo Braga foi atrás de Alberto Teles, — indo, afinal, atrás de Pinto de Carvalho (*Tinop*), que, na *História do Fado*, incluiu a quadra entre «os motes do *fado*... quasi todos antigos» (6).

A quadra não é, porém, do baile açórico *das Vacas* nem de qualquer *fado* da Mouraria. Não é *especial* de canção alguma. E' quadra «sôlta». O próprio Dr. Teófilo Braga a mencionou, como «cantiga sôlta», no seu *Cancioneiro popular portuguez* (7). Mesmo Pinto de Carvalho, especificando os tais *motes* do *fado*, não pretendeu, decerto, considerá-los como cantigas próprias de *fados*. São, no geral, quadras tradicionais, que se *aproveitam* naquelas canções. Quasi tôdas se ouvem cantar pelas aldeias onde se não cantam fados.

(1) *Historia da Poesia popular portugueza*, 3.^a ed. reescrita, Lisboa 1905, vol. II, p. 548.

(2) *Loco cit.*

(3) Apud T. Braga, *loco cit.*

(4) *Ibidem.*

(5) Vid. Teófilo Braga, *loco cit.*, p. 547.

(6) Pinto de Carvalho (*Tinop*), *História do Fado*, Lisboa 1903, p. 131.

(7) 2.^a ed., vol. I, Lisboa 1911, p. 63 (cf. p. 1).

E' tempo de, pelo claro, estampar a quadra popular portuguesa, a respeito da qual se estão bordando estas linhas.

A forma menos perfeita da cantiga é:

Tu chamaste-me tua vida,
eu tua alma quero ser;
que a vida acaba co'a morte
e a alma eterna há de ser ⁽¹⁾

em que a mesma palavra *ser* aparece na rima.

Ainda bastante imperfeita é a forma seguinte:

Tu chamas-me tua vida,
mas tua alma quero ser;
que a vida morre com o corpo
e a alma eterna ha de ser ⁽²⁾;

com pouca diferença, na *História do Fado* (p. 131):

Tu chamaste-me tua vida,
mas tua alma eu quero ser,
que a vida morre com o corpo
e a alma eterna há de ser.

Alberto Teles registou a variante:

Tu me chamas tua vida
eu tua alma quero ser;
a vida é curta e acaba,
a alma não pode morrer.

(1) João da Silva Correia, in *A Rima e a sua acção linguística, literária e ideológica — I — Rima inicial e rima final*, Lisboa 1930, p. 61, traz o 3.º verso assim: *que a morte acaba co'a vida*, mas é lapsos, em que o mesmo autor não caiu in *Alguns paralelos entre a literatura culta e a literatura popular portuguesa*, Lisboa 1927, p. 442, onde reproduziu a nota que, a respeito da quadra e de Alfredo de Musset, publiquei na rev. *Lusa*, IV, 16.

(2) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular português*, ed. cit., vol. I, p. 63.

A variante que registei nas *Flores de Portugal* ⁽¹⁾ era a mais perfeita por mim conhecida então:

Chamaste-me *tua vida*,
 eu *tu'alma* quero ser:
 a vida acaba co'a morte,
 a alma não pode morrer.

A seguinte, porém, que depois ouvi (Beira-Baixa), acho-a ainda melhorada na forma:

Chamaste-me *tua vida*,
tua alma eu quero ser:
 a vida acaba na morte,
 a alma não pode morrer.

Ora, a S.^{ra} de Staël deveria haver travado conhecimento com a ideia expressa nesta cantiga popular, por intermédio da imitação de Lorde Byron.

Os dois escritores são do mesmo tempo ⁽²⁾, conheceram-se, e o lorde não deixou até de se referir à madama, em termos bem lisonjeiros, num soneto de 1816:

SONNET 'TO LAKE LEMAN

Rousseau — Voltaire — our Gibbon — and De Staël —
 Leman! these names are worthy of thy shore,
 Thy shore of names like these! werth thou no more,
 Their memory thy remembrance would recall: ⁽³⁾

.....

Não se pode excluir absolutamente a possibilidade de ela haver notícia da quadra por intermédio do diplomata português a quem perseguiu na Itália, mas talvez o nosso compatricio não fôsse dado a cantigas...

(1) p. 40.

(2) S.^{ra} de Staël, 1766-1817; Byron, 1788-1824.

(3) *Occasional Pieces*, in vol. cit., p. 121.

Em todo o caso, necessário se torna averiguar o tempo dos acima transcritos versos da escritora, para, atentando nas datas, se inferir opinião segura, ou com visos de segurança.

Quanto a Musset, suponho que êle viu os versos de Byron e os versos da S.^{ra} de Staël. Daí, o saber que a ideia era de cantiga portuguesa e supor que a forma estaria contida nos versos da S.^{ra} de Staël. Reilita-se no paralelo acima feito entre os versos de *Fantasio* e os da escritora.

Como disse, para firmar estas conclusões que, mal-seguro, avento, impõe-se levar mais longe as investigações, o que não posso fazer neste momento.

Demais, a questão é secundária. O que importa e eu, principalmente, quis registrar, é o êxito admirável que, justamente, a cantiga popular portuguesa obteve na literatura estrangeira.

Pôrto, Novembro de 1939.

CLÁUDIO BASTO.